

ENTRE O LAGO E O FOGO¹

LUCIANA KNIJNIK



Escolher a psicanálise como ofício requer certo espírito de aventura. Uma disponibilidade para abrir a porta do consultório e percorrer histórias, afetos e cenários acionados pelo encontro com cada paciente. O sol colorindo a paisagem do lado de fora, o cineminha marcado para o final do dia podem restar absolutamente esquecidos na medida em que nos permitimos mergulhar em sombras, rumores e vazios. O psicanalista é experimentado na aventura de estar diante do conhecido/desconhecido e carrega sempre consigo sua caixa de ferramentas. Com seus acessórios vitais (água, bússola, colchonete, canivete, música, primeiros socorros, confiança, fósforo, agasalho, inocência, lanterna, alimento) oferece o braço como aquele que acompanha um cego, estando ao seu lado sem, no entanto, determinar o caminho a ser percorrido.

Um pouco aventureiros também estamos aqui hoje, em mais uma jornada, percorrendo juntamente com os colegas presentes conceitos, ideias e inquietações produzidas pelo encontro com teorias, práticas e vivências pessoais.

Convido assim os presentes a me acompanharem na revisão de alguns conceitos que serão futuramente retomados na jornada seguinte.

O processo de luto

O trabalho psíquico realizado no processo de luto fora objeto de investigação de inúmeros pesquisadores. Para Freud o luto pode ser definido como a reação à perda de uma pessoa estimada ou mesmo de alguma abstração como pátria, liberdade ou um ideal que ocupe tal lugar.

¹Trabalho apresentado na Jornada de 29 de março de 2014 no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

²Lago Kerid congelado dentro da cratera de um vulcão na Islândia. O lago é cultuado por seu formato peculiar e por manter sua caldeira vulcânica intacta. Fonte: <http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2014/03/usuario-faz-registro-incrivel-de-lago-congelado-em-cratera-de-vulcao.html>.

Entretanto, como ele mesmo diz, as mesmas situações podem produzir melancolia em vez de luto; levantando a suspeita de que haja alguma disposição patológica anterior.

De modo geral, na vivência do luto, de acordo com a concepção freudiana, ocorre um processo gradual de desligamento do objeto. O princípio de realidade se impõe expondo a ausência do objeto amado solicitando a retirada das ligações libidinosas estabelecidas (Freud, 1917).

Na esteira de Freud outros autores dedicaram-se ao tema do luto. Melanie Klein é uma delas. Diante das trágicas mortes de pessoas queridas pôs-se a produzir. Sua vida fora marcada por perdas precoces, como da irmã predileta Sidone e do irmão mais velho, Emanuel. Em 1925 foi surpreendida pela inesperada perda do analista Karl Abraham. Mais tarde, o ano de 1934 não lhe trouxe boas surpresas. A morte do filho Hans em um acidente de alpinismo a abalou profundamente e provocou ressentimentos com a filha Melitta.

No âmbito da psicanálise sabemos que as mais relevantes produções teóricas são efeito ora das questões reivindicadas pela clínica, ora pela história do analista, atravessada invariavelmente por sua análise pessoal. Assim, inferimos que os trágicos acontecimentos vividos por Melanie Klein, juntamente com outros elementos, subsidiaram sua teorização a respeito do luto.

Passados seis anos da morte de Hans, Melanie publica *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*. O referido texto é considerado uma continuação da publicação de 1935, *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*. Será em 35 que a autora proporá suas teorias sobre o desenvolvimento inicial e sobre a origem das defesas maníacas acionadas quando a perda e a culpa não são suportadas (a posição depressiva representa a elaboração da dor). Já na produção seguinte, de 1940, sua ênfase repousará sobre o luto pelo objeto perdido, importante processo na posição depressiva em que a unificação dos objetos é o procedimento mais importante (KLEIN, 1996).

Como veremos a seguir, para Klein, as vivências de luto podem ser compreendidas se remetidas à posição depressiva por ela conceitualmente cunhada. Nesta perspectiva a perda de uma pessoa amada reativa a posição depressiva experimentada na mais tenra idade. Os rumos da vivência de luto atual restariam da mesma forma, atrelados ao que fora experimentado no passado.

Outro importante assinalamento refere-se aos efeitos da concreta perda do bom objeto. Nesse caso o impacto de tal evento se amplifica na medida em que inconscientemente o bom objeto interno também parece ter sido perdido. A duplicação da perda torna a magnitude do luto ainda maior, estendendo, do mesmo modo, o trabalho a ser realizado na direção da reparação.

Complexificando o quadro nota-se que a aparente ausência do bom objeto relega o aparato psíquico à convivência com os objetos maus, tornando-se deles vítima. Acionam-se ansiedades arcaicas de estilo persecutório.

Mesmo intitulado-se freudiana, ou quem sabe até mesmo por isso, Melanie Klein não se furtara a afirmar suas divergências. Nas obras em questão sua postura não fora diferente. Para ela, assim como se passa na posição depressiva, o luto normal abarca estados maníacos e depressivos. Ressalta, contudo, que a presença massiva de defesas maníacas interfere negativamente no estabelecimento do objeto bom interno. Toma as proposições de Freud como ponto de partida, avança e demarca sua diferença.

Concluída esta breve apresentação nos deteremos na posição depressiva para, a seguir, adentrarmos nos caminhos tortuosos do luto.

A posição depressiva

A posição depressiva é localizada por Melanie Klein nas circunscrições do desmame, um pouco antes, durante e depois. Caracteriza-se por um corte, uma transformação nos processos de introjeção e projeção, pois o seio não representa o outro em si, mas um suporte para dar conta das frustrações e gratificações procedentes do mundo externo.

Para o pequenino suas próprias fantasias e impulsos vorazes e destrutivos teriam destruído o seio materno. Tornando o quadro ainda mais agudo a configuração edípica, que para a mesma autora inicia-se muito precocemente, acrescenta o temor à perda de ambos os pais. Segundo a autora “a preocupação e o pesar em torno da perda tão temida dos objetos ‘bons’ – ou seja, a posição depressiva – é a fonte mais profunda dos dolorosos conflitos que ocorrem na situação edipiana, assim como na relação da criança com as pessoas em geral” (KLEIN, 1996, p. 388).

Não só o pesar pela perda dos objetos bons constitui a posição depressiva. O medo da perseguição por parte dos objetos assustadores, desencadeado pelos processos de introjeção e projeção também tomam parte nesta intrincada trama. Como consequência percebe-se o surgimento de defesas caracterizadas pela destruição, por meios sangrentos, dos perseguidores em questão.

A preocupação em reparar os objetos amados também ocupa o universo de fantasia da criança e assim o desenvolvimento normal é preenchido pela oscilação entre as criações egoicas de fantasias onipotentes e violentas para controlar objetos maus, ou salvar e restaurar objetos amados.

Como foi dito anteriormente, nos processos de luto há uma ampliação das fantasias inconscientes de perda dos bons objetos internos. A perda da pessoa amada gera o impulso de reinstalar o objeto amado perdido nas dependências do próprio ego. A dor ligada ao gradual processo do teste de realidade é fruto da necessidade de renovar o elo com o mundo externo bem como do imperativo de reconstruir o mundo externo em aparente perigo. Deste modo, a reativação da posição depressiva é vivenciada, bem como as ansiedades, a culpa e as sensações de perda oriundas da amamentação e da situação edípica, além de outras circunstâncias particulares.

Como sabemos o trabalho de luto, na maioria dos casos, é superado, mesmo que deixe suas marcas. Um dos indícios de que o término do processo estaria próximo é a gradativa retomada de confiança nos objetos externos e, igualmente, na pessoa amada perdida. Assim, aos poucos, será possível “admitir que esse objeto não era perfeito, sem perder a confiança e o amor que se sente por ele, nem temer sua vingança” (KLEIN, 1996, p. 398).

É ainda conhecido por todos, na vida profissional ou pessoal, que em muitas situações o luto traça caminhos tortuosos. Um tema a ser explorado com mais vagar.

Por hoje é só

Somente aqueles que se permitem encarar o frio, munidos da vestimenta adequada para cada estação, poderão apreciar a beleza de um lago congelado em plena Islândia³. Águas congeladas que, quem sabe um dia, poderão ser novamente aquecidas instalando mais uma vez a proliferação de bactérias, algas, peixes e estranhas criaturas misturadas aos sedimentos que testemunham sua própria história.

Sim, o psicanalista também se inquieta diante do frio, do deserto e do frescor de cada aurora. Refiro-me ao psicanalista aventureiro que por vezes vidente, por vezes cego, percorre cenários tão frios quanto belos, tão coloridos quanto congelados estando atento ao sutil povoamento de desertos ou ao degelo de águas solidificadas.

Aproveito a liberdade do texto para fazer jorrar palavras das imagens, dos afetos e das sensações como um exercício. As imagens são tomadas aqui como um plano de composição com os conceitos e a escrita como o desafiante espaço em branco que reserva a possibilidade de criação.

³ Referência à imagem da página 1.

A página em branco pode ser fonte de ansiedade ou de criação. Assim também transcorrem os 50 minutos que dispomos com cada paciente. Confiar e lançar-se na aventura de escrever é um laboratório para aqueles que cotidianamente são chamados para um novo encontro. Desejo que os meus, diante das dores e delícias de cada paciente, sejam mais e mais inventivos, inteiros, potencializadores e íntegros.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia* (1917). Obras completas. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 12.

KLEIN, Melanie. *Amor culpa e reparação*: (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

_____. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*: (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

PETOT, Jean-Michel. *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto, 1932-1960*. Volume II. São Paulo: Perspectiva, 2003.